

## Dossiê Redescobrimo a Vocação

# A TEOLOGIA DA VOCAÇÃO EM JOSEPH RATZINGER

**Rev. Doutorando Heber Ramos Bertuci <sup>1</sup>**

STPS; Universidade Presbiteriana Mackenzie; PUC-RJ

### RESUMO

Nesse artigo será abordado o tema “A Teologia da Vocação em Joseph Ratzinger”. A delimitação encontra-se na explicação de uma síntese sobre o que o teólogo alemão ensina sobre ser pastor. O artigo, portanto, tem linha estritamente poimênica. Antes de explicar sobre Ratzinger e a vocação, há uma primeira seção onde se apresenta o que significa o termo “confessional”. A ênfase é que, ao lado da confessionalidade, deve haver a liberdade acadêmica, para que os assuntos sejam apresentados e analisados com ciência, competência e arte. Na segunda seção, explica-se um pouco sobre a carreira teológica de Ratzinger, ainda bastante desconhecida de grande parte dos presbiterianos. Na terceira seção, entra-se na teologia ratzingeriana propriamente dita, com o objetivo de analisar alguns pontos que a vocação pastoral pode adotar como sua prática diária. Ratzinger ensina que ser pastor é se sentir vocacionado e superar as crises; ser pastor é apascentar as ovelhas; ser pastor é conscientizar o ser humano de sua peregrinação neste mundo; e ser pastor é buscar e viver a verdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vocação; Joseph Ratzinger; Confessionalidade; Pastor; Verdade.

### ABSTRACT

In this article the topic “The Theology of Vocation in Joseph Ratzinger” will be addressed. The de-limitation lies in the explanation of a synthesis of what the German theologian teaches about being a pastor. The article, therefore, has a strictly poimenic line. Before explain-ing about Rat-zinger and the vocation, there is a first section where it is presented what is meant by the term "confessional". The emphasis is that alongside confessionality there must be aca-demic freedom, so that subjects can be presented and analyzed with science, competence and art. In the second section, Ratzinger's theological career, still unknown to most Presbyterians, is explained. In the third section, we will go into Ratzinger's theology itself, to analyze some points that the pastoral vocation can

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição - SP (2008) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP (2009); Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP (2016); Mestre em Divindade, com concentração em Teologia Filosófica, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper - SP (2017); Doutorando em Teologia, com concentração em Teologia Sistemático-Pastoral, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2019 - ). Professor do Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton - RJ.

adopt as its daily practice. Ratzinger teaches that to be a pastor is to feel called and to overcome crises; to be a pastor is to feed the sheep; to be a pastor is to make the human being aware of his pilgrimage in this world; and to be a pastor is to seek and live the truth.

**KEYWORDS:** Vocation; Joseph Ratzinger; Confessionality; Pastor; Truth.

O retorno da Revista Teológica do Seminário Presbiteriano Ashbel Green Simonton dispõe artigos que expressam a “teologia caseira”, a partir da qual seus professores puderam escrever um tema comum e universal entregue a eles: “redescobrimo a vocação”. Em breve terei acesso aos demais artigos e os lerei a fim de que possa aprender com a exposição dos colegas. O tema encomendado a mim pelo amado professor Sérgio Kitagawa não deixa de ser, além de um privilégio, grande responsabilidade: “A Teologia da Vocação em Joseph Ratzinger”. Pelo que sei, é a primeira vez que um autor presbiteriano tem a responsabilidade de escrever sobre o teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927 - ) em um veículo de comunicação que é uma das “vozes oficiais” da Igreja Presbiteriana do Brasil. Toda vez que somos o pioneiro em fazer algo, não apenas a responsabilidade é maior, pois somos a porta de entrada de determinada pesquisa em nosso meio confessional, mas também as críticas construtivas (ou não) são inéditas, tendo que ser administradas e respondidas de modo claro e com mansidão e respeito. Sou leitor de Ratzinger há alguns anos, desde a época que era seminarista presbiteriano. Entretanto, aprofundei-me nas pesquisas sobre ele nos últimos três anos. Tenho a alegria de ter alguns artigos publicados sobre ele, e de estar concluindo meu Doutorado em Teologia sobre ele, pesquisando o tema “Ampliando o Horizonte da Razão: Fé a Razão no Pensamento de Joseph Ratzinger.

Nesse artigo, pretendo abordar a “A Teologia da Vocação em Joseph Ratzinger” explicando um pouco do que o teólogo alemão ensina sobre ser pastor. O texto, portanto, tem linha estritamente poimênica. Antes de explicar sobre Ratzinger e a vocação, escrevo uma primeira seção onde apresento o que entendo pelo termo confessional. Minha tese é que, ao escrever sobre um teólogo católico, eu não deixei de ser confessional e presbiteriano. Ao lado da confessionalidade deve haver a liberdade acadêmica, para que os assuntos sejam apresentados e analisados com ciência, competência e arte. Na segunda seção, explico um pouco sobre a carreira teológica de Ratzinger, ainda bastante desconhecida de grande parte dos presbiterianos. Na terceira seção, entro na teologia ratzingeriana propriamente dita, com o propósito de analisar alguns pontos que a vocação pastoral pode adotar como sua prática diária. De acordo com o que percebi em minhas

leituras, Ratzinger ensina que ser pastor é se sentir vocacionado e superar as crises; ser pastor é apascentar as ovelhas; ser pastor é conscientizar o ser humano de sua peregrinação neste mundo; e ser pastor é buscar e viver a verdade. Desejo que esses assuntos sejam bem aproveitados por todos os leitores dessas páginas. Estou à disposição para responder qualquer dúvida que, porventura, surgir.

## 1 CONFSSIONALIDADE E LIBERDADE ACADÊMICA

### 1.1 Um presbiteriano escrevendo sobre Joseph Ratzinger?

Senti-me honrado com o convite que me foi feito para escrever sobre um tema tão desafiador. Não pude resigná-lo, mesmo ficando um pouco ansioso quando a proposta me foi feita. Uma das leituras que fiz na época que cursei Teologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), foi o livro *A Arte da Pesquisa* (publicado, originalmente, em 2005), dos estudiosos Wayne C. Booth (1921-2005), Gregory G. Colomb (1951-2011) e Joseph M. Williams (1933-2008). Estes autores me conscientizaram que, mesmo quando nos sentimos um pouco ansiosos ao iniciarmos uma pesquisa, podemos ter certeza de que alcançaremos o prazer da investigação.<sup>2</sup> Toda pesquisa possui dupla relevância: primeiramente, a satisfação pessoal: “a pesquisa é um trabalho árduo, mas, assim como todo trabalho desafiador bem feito, tanto o processo quanto os resultados trazem enorme satisfação pessoal.”<sup>3</sup> Ao desenvolvermos nosso tema, permitimos que ele transforme nossa realidade com suas ilações. Particularmente, aprecio os estudantes que se envolvem tanto com seus objetos de pesquisa, que passam a incorporá-los em seu vocabulário e dinâmica, sem, contudo, perder sua personalidade e estilo. Em segundo lugar, uma vez que as pesquisas e seus resultados exigem perene reflexão sobre a relação do trabalho do pesquisador com os leitores, pesquisar implica clara relevância social. Cada pesquisador deve acreditar que “... o que tem a dizer é algo bastante importante para levar os leitores a mudar de vida, modificando o modo de pensar.”<sup>4</sup> Se as pesquisas gerais são assim, quanto mais as de cunho cristão. Assim que saí do Instituto Bíblico Eduardo Lane (IBEL), resolvi comprar um livro de pregação chamado *Pregação Cristocêntrica* (lançado, originalmente, em 1994), de um autor

---

<sup>2</sup> BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph, *A arte da pesquisa*, p. 1.

<sup>3</sup> BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph, *A arte da pesquisa*, p. 6.

<sup>4</sup> BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph, *A arte da pesquisa*, p. 6.

chamado Bryan Chapell (1954 - ). Uma das frases que mais me fez entender o anúncio do Evangelho na pregação foi: “não somos simplesmente ministros de informação; somos ministros da transformação de Cristo”.<sup>5</sup> Quando nos conscientizamos de que estamos em um momento de crise de religiosidade e das grandes culturas, entendemos que temos algo a dizer aos outros, pois sabemos que a questão de Deus não é privada, apenas para nós, como se pertencêssemos um clube que tem seus próprios interesses e faz seu jogo. Joseph Ratzinger (1927 - ) escreveu: “Um cristianismo que se retira ao nível de associação privada e perde a sua dilacerante força cultural e política contrasta com a grandeza da própria mensagem.”<sup>6</sup> Nós, cristãos, estamos convencidos de que o ser humano necessita conhecer Deus e de que a verdade surgiu em Jesus, verdade que não é propriedade privada de ninguém, mas que deve ser compartilhada e conhecida. Por isso, neste momento histórico, “... é importante que nós não vivamos só no interior de nossas certezas e de nossas identidades, mas que nos exponhamos realmente às perguntas dos outros.”<sup>7</sup>

O tema que trabalharei neste artigo, *A vocação na Teologia de Joseph Ratzinger*, é desafiador por dois motivos. Um deles é que a literatura do teólogo católico alemão Joseph Ratzinger (1927-) é ampla. Neste momento, cabe-me citar que minha admiração pela teologia de Ratzinger vem desde a sua eleição ao Papado, em 19 de abril de 2005. Eu sou de uma família presbiteriana conservadora e bem ativa nesta Igreja. Meus pais, pessoas simples e de respeito, sempre me educaram a pesquisar a razão de minhas crenças e a respeitar aqueles que pensam diferente. Essa formação “caseira” moldou toda a minha forma de ver o mundo religioso e acadêmico. Com essa educação em mente, quando vi (do apartamento que eu morava à época em que era seminarista presbiteriano, em São Paulo), o Papa Bento XVI sair, após a sua eleição, à sacada da Basílica de São Pedro, em Roma, ele me recordou Tradição, pesquisa e seriedade acadêmica. Resolvi, a partir daquele dia, comprar e ler todos os livros que me fosse possível adquirir do teólogo Ratzinger, a fim de aprender com ele sobre aspectos da fé que eu precisava acrescentar à minha cosmovisão. Foram leituras preciosas e memoráveis. Em meu recente artigo (o último antes deste), denominado *Joseph Ratzinger: Um Eminente Teólogo da Atualidade*, testemunhei que as leituras em Ratzinger são “... proveitosas que ensinam sobre a essência

---

<sup>5</sup> CHAPPELL, Bryan, *Pregação cristocêntrica*, p. 51.

<sup>6</sup> RATZINGER, Joseph, *Com o prefeito da fé em altos voos* (julho-agosto de 1986), p. 17-18.

<sup>7</sup> RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo, *Deus existe?: debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo flores d'Arcais*, p. 27.

da religião cristã e sua aplicação na cultura de hoje”.<sup>8</sup> Recordo-me de que, no ano de 2005, eu tive um horário vago de aula do Seminário nas manhãs de quarta-feira. Eu tinha um amigo seminarista que possuía uma TV e a deixava na sala do apartamento. Ali pegava a RAI Italiana e eu pude acompanhar o Papa Bento XVI expor alguns assuntos teológicos. Depois de alguns anos, à época de meu doutorado em Teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, eu tive o privilégio de relatar a Ratzinger esta alegria de meu aprendizado com as obras dele, por meio de uma carta. Guardo, com muito carinho, a foto enviada a mim de Roma (pelo meu orientador da Tese de Doutorado, o professor Dom Antonio L. Catelan Ferreira), em que o secretário particular do Papa Emérito Bento XVI, o Bispo Georg Gänswein, lê para ele minha carta. Dom Catelan pediu-me para prestar atenção ao semblante sereno e sorridente do Papa Emérito enquanto o seu secretário lia a minha carta. Aquele momento foi, realmente, muito satisfatório para mim: um privilégio único na vida. Fiz questão de agradecer a Deus por ele. Sendo um bom presbiteriano, é claro que minhas leituras em Ratzinger sempre tiveram a Escritura Sagrada como palavra única de autoridade: tudo é analisado pela sua coerência com a Palavra de Deus. Esse princípio eu aprendi com a leitura do autor reformado inglês Arthur Pink (1886-1952): “o Cristianismo é a religião de um Livro. O Cristianismo baseia-se na rocha inexpugnável da Sagrada Escritura. O ponto de partida de toda discussão doutrinária deve ser a Bíblia”.<sup>9</sup>

O segundo motivo pelo qual o tema *A vocação na Teologia de Joseph Ratzinger* é desafiador é porque o convite a mim dirigido (e a outros professores para escreverem outros artigos) vem da instituição onde sou professor, o Seminário Ashbel Green Simonton. Há o entusiasmo no projeto de retornar a publicar a Revista Teológica deste Seminário, que faz parte (juntamente com alguns outros), da Igreja Presbiteriana do Brasil, uma Igreja conservadora e de viés não ecumênico, que é fiel aos seus dogmas oriundos da Reforma Protestante do século XVI. É especialmente por este segundo desafio que escrevo esta primeira seção do presente artigo: abordar sobre um teólogo católico em um ambiente presbiteriano pode não ser bem compreendido. É preciso esclarecer que este texto não é embasado pelo movimento ecumênico, nem em um dos pilares deste movimento – o relativismo em assuntos da fé. Entendo ser importante

---

<sup>8</sup> BERTUCI, Heber, Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade, p. 1.

<sup>9</sup> “Christianity is the religion of a Book. Christianity is based upon the impregnable rock of Holy Scripture. The starting point of all doctrinal discussion must be the Bible” (PINK, Arthur, *The divine inspiration of the Bible*, p. 3).

abordar autores insígnies para o pensamento teológico atual. Sem dúvida, Ratzinger é um dos principais. Em meu artigo *A Opção da Igreja Antiga Pela Filosofia*, de 2016, escrevi que Ratzinger é um dos maiores eruditos de nosso tempo e que “suas reflexões são profundas e atingem praticamente todas as áreas da teologia e filosofia. Sua obra é vasta e repleta de humanidade. Não é surpresa o fato de ele ter conquistado admiradores não apenas da Igreja Católica, como também de várias outras confissões religiosas”.<sup>10</sup> Confirmei estas palavras, anos depois, ao escrever: “um presbiteriano escrevendo sobre [...] Ratzinger [...]. Este fato é possível não apenas pelo respeito com que se deve à temas teológicos, mas também pela grandeza intelectual de Ratzinger que ultrapassa as barreiras confessionais”.<sup>11</sup> Chamou-me a atenção uma reunião que tivemos entre nós, o corpo docente do Seminário Simonton, e o senhor presidente da Junta Regional de Educação Teológica do Estado do Rio de Janeiro, no ano passado (2021), na qual foi proposto que cada professor explicitasse a motivação fundamental para lecionar ali. A minha resposta embasou-se no fato de que o Seminário Simonton, segundo percebi em dois anos de docência, possui um ambiente permeado por confessionalidade e liberdade acadêmica: esta instituição presa pela liberdade, tão importante no ambiente acadêmico, sem mitigar, contudo, sua ênfase confessional. Seguindo o ambiente do Seminário, este artigo segue a diretriz da confessionalidade (sem perder de vista a liberdade acadêmica), e enaltece a liberdade acadêmica (sem desdenhar da confessionalidade). Trabalharei, portanto, este tema com o pressuposto de que, mesmo sendo meu objetivo elucidar o pensamento de um autor católico (J. Ratzinger), não menosprezarei a confessionalidade reformada, mas me nortearei por ela.

## **1.2 A confessionalidade unida à liberdade acadêmica**

### 1.2.1 A confessionalidade

O que é ser confessional? Por que no meio acadêmico não podemos olvidar da confessionalidade? Eis algumas questões sobre o assunto. O verbo “confessar”, no idioma grego, é ὁμολογέω, e o substantivo “confissão” é ὁμολογία. Esses dois termos são compostos de ὁμός, “o mesmo”, “semelhante”, e λέγω, “dizer”, ou λόγος, “palavra” ou “fala”. Portanto, ὁμολογέω significa “dizer a mesma coisa” (ou seja, “concordar nas

---

<sup>10</sup> BERTUCI, Heber, *A opção da Igreja Antiga pela filosofia*, p. 197.

<sup>11</sup> BERTUCI, Heber, *Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade*, p. 1.

declarações”), “prometer”, “assegurar”, “admitir” ou “declarar publicamente”; e ὁμολογία quer dizer “acordo”, “consentimento” ou “reconhecimento”.<sup>12</sup> Na cultura grega clássica, o predomínio do uso dos termos “confessar/confissão” foi na conotação legal.<sup>13</sup> O período do grego clássico caminha de 900 a.C. até 330 a.C., sendo conhecido pelas famosas obras literárias que tiveram origem ali. Essas obras são bem famosas, sendo preservadas até a atualidade. Elas se chamam *Ilíada* e *Odisseia*, atribuídas a Homero (928-898 a.C.) – são os exemplos mais arcaicos da literatura grega, seguidos posteriormente por obras de Hesíodo (século VIII a.C.), Heródoto (484-425 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e outros. Com respeito à linguagem, neste tempo, o dialeto que mais se destacou foi o ático, sendo a principal base para o grego *koinê*, aquele em que iria ser escrito o Novo Testamento.<sup>14</sup> Neste período, o uso dos termos “confessar/confissão” era liderado pela conotação legal e alguém concordava com a declaração de outra pessoa, concedendo ou confessando algo (por exemplo, uma culpa perante um juiz), e concordando com algo (uma vontade de outra pessoa). A partir dessa congruência, o indivíduo prometia algo. Esse acordo se expressava em vários âmbitos: no ato de compromisso, promessa ou confissão, no tribunal ou em um contrato legal.<sup>15</sup> Da cultura grega, a prática de fazer confissões adentrou a Igreja cristã nascente. É claro que este “batismo” da prática teve suas adaptações ao que se esperava da realidade cristã. É nesse sentido que observamos na Escritura várias confissões de fé, para serem memorizadas, vivenciadas e ensinadas. Alguns teólogos têm enfatizado isso: o protestante britânico Ralph Martin (1925-2013);<sup>16</sup> o teólogo reformado brasileiro Hermisten Costa;<sup>17</sup> o católico alemão Joseph Ratzinger<sup>18</sup> e o reformado inglês Carl Trueman (1967 - ).<sup>19</sup> De fato, segundo Ratzinger, “a Igreja Primitiva expressou o núcleo central de sua fé na forma de confissões.”<sup>20</sup> Martin declara que há evidências para comprovar que a Igreja Apostólica contava com um corpo de ensino distintamente cristão, que podia ser denominado de

---

<sup>12</sup> ὁμολογέω. In: GINGRICH, F.; DANKER, Frederick, *Léxico do N.T. grego/português*, p. 146; ὁμολογία. In: GINGRICH, F.; DANKER, Frederick, *Léxico do N.T. grego/português*, p. 146; FÜRST, D., *Confessar (ὁμολογέω)*, p. 385.

<sup>13</sup> FÜRST, D., *Confessar (ὁμολογέω)*, p. 385.

<sup>14</sup> REGA, Lourenço; BERGMANN, Johannes, *Noções do grego bíblico*, p. 8.

<sup>15</sup> FÜRST, D., *Confessar (ὁμολογέω)*, p. 385.

<sup>16</sup> MARTIN, Ralph, *Adoração na Igreja primitiva*, p. 63-75; MARTIN, Ralph, *Credo*, p. 277.

<sup>17</sup> COSTA, Hermisten, *Eu creio*, p. 13-76.

<sup>18</sup> RATZINGER, Joseph, *What Constitutes Christian Faith Today?* (1975), p. 15-27.

<sup>19</sup> TRUEMAN, Carl, *O imperativo confessional*, p. 71-110.

<sup>20</sup> “The early Church expressed the central core of her belief in the form of confessions” (RATZINGER, Joseph, *What Constitutes Christian Faith Today?* (1975), p. 17).

“depósito sagrado da parte de Deus”.<sup>21</sup> Nas Escrituras, os nomes para esse corpo de ensino eram: “ensino dos apóstolos”, “palavra da vida”, “padrão de doutrina”, “tradições apostólicas”, “depósito” e “forma de sãs palavras”. Eis alguns textos que encontramos essas palavras ou expressões: Atos 2.42, Romanos 6.17, Efésios 4.5, Filipenses 2.16, Colossenses 2.17 e 2 Tessalonicenses 2.15.<sup>22</sup>

A partir dessas confissões ou declarações de fé do Novo Testamento, ao longo da História da Igreja, cada cristão foi e é chamado a manter a doutrina cristã e ser confessional. Esse é o grande desafio e, ao mesmo tempo, o grande privilégio do ser cristão. Retorno à pergunta feita anteriormente: “o que é ser confessional?”. Resume a questão Augustus Lopes: “ser confessional pressupõe um credo. Como o nome já indica, uma confissão é um conjunto de conceitos e valores que declaramos ser a expressão da verdade.”<sup>23</sup> Desta definição, haurimos dois princípios: primeiramente, o conjunto de conceitos que declaramos ser a expressão da verdade é uma “confissão de fé”; em segundo lugar, o pressuposto básico de quem é confessional é adotar um *credo*, termo latino que indica uma atitude firme de “eu creio”, uma confiança perene na Trindade Santa.<sup>24</sup> Todo religioso é confessional e, de acordo com o teólogo reformado inglês Carl Trueman (1967 - ), adota uma confissão de fé particular ou pública. Não existe a divisão entre cristãos subscritores de credos e confissões e os que não os subscrevem. Ao contrário, os cristãos se dividem entre quem subscreve credos e confissões públicos, “[...] registrados e existentes como documentos públicos, sujeitos a escrutínio, avaliação e crítica públicos[...]”,<sup>25</sup> e quem subscreve credos e confissões particulares, “[...] muitas vezes improvisados, não registrados e, portanto, vedados ao escrutínio público, insuscetíveis à avaliação e, de forma crucial e irônica, insubmissos ao teste da Escritura a fim de ter a veracidade examinada.”<sup>26</sup> As confissões reformadas são tradições públicas que não rivalizam com a autoridade da Escritura Sagrada.<sup>27</sup> Uma das frases que mais marcaram meu ministério pastoral, no assunto Escrituras *versus* Tradição, foi a do teólogo

---

<sup>21</sup> MARTIN, Ralph, Credo, p. 277.

<sup>22</sup> MARTIN, Ralph, Adoração na Igreja primitiva, p. 66; COSTA, Hermisten, Eu creio, p. 25-26.

<sup>23</sup> LOPES, Augustus, Confessionalidade e liberdade acadêmica, p. 1.

<sup>24</sup> COSTA, Hermisten, Eu creio, p. 25.

<sup>25</sup> TRUEMAN, Carl, O imperativo confessional, p. 23.

<sup>26</sup> TRUEMAN, Carl, O imperativo confessional, p. 23.

<sup>27</sup> Sobre o tema Tradição, indico a seguinte leitura: GEORGE, Timothy, Teologia dos reformadores, p. 80-87,126-130,189-198,311-314; PACKER, James, O conforto do conservadorismo, p. 231-243; BENTO XVI, A comunhão no tempo: a Tradição [Audiência Geral de 26/04/2006], p. 190-194; RATZINGER, Joseph, Introdução ao Cristianismo, p. 40-44; FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek, Reforma, p. 41-74.

inglês James Packer (1926-2020): “a questão não é se *temos* tradições, mas se nossas tradições estão em conflito com o único padrão absoluto nessas questões: as Escrituras Sagradas.”<sup>28</sup> Exatamente este tinha sido o propósito dos reformadores Martinho Lutero (1483-1546) de João Calvino (1509-1564): conferir que a pureza do Evangelho novamente fosse o vigor da história humana. Lutero não jogou fora os 1500 anos procedentes de história da Igreja. Ele reconhecia a suficiência da Escritura como Palavra inspirada por Deus. Deste modo, “todos os credos, os ditos dos pais da igreja, as decisões conciliares, deviam ser julgados pela ‘norma infalível da Palavra de Deus’ – e nunca julgá-la”.<sup>29</sup> E Calvino combatia a “fé implícita”, declarando que nossa fé sempre deve ser “explícita”.<sup>30</sup>

A Reforma Protestante contém uma mensagem sempre atual. Uma das questões que todo teólogo reflete é sobre a forma de tornar vívido o Evangelho de Jesus em nosso tempo e lugar. Aprendi bastante com a leitura do teólogo reformado estadunidense Michael Horton (1998 - ), quando ele explicou sobre “Os Sola’s da Reforma” que, se nos convencemos de que “[...] a Reforma Protestante foi a maior recuperação do evangelho desde o tempo dos apóstolos e de que ela nos deixou com um tesouro no qual há riquezas para serem redescobertas por uma nova geração, então certamente uma nova reforma representará um alvo para nós.”<sup>31</sup> Esta redescoberta da Reforma não deve ser realizada no sentido de apenas fazermos uma reprise do que foi dito no passado, como se nós fôssemos arquivistas de um museu e ficássemos constantemente consultando os seus documentos. A história, a filosofia e o estudo do direito já estão nos seus respectivos livros: os cristãos podem e devem se ater a esses estudos, porém sabendo que aquele que meramente repete o que os outros falam vive como um papagaio. Ao invés de agir assim, cada cristão, em sua época, precisa recuperar e confessar a fé do mesmo modo que os reformadores fizeram na época deles. A mensagem do Evangelho é sempre a mesma, mas as pessoas que pregam essa mensagem mudam. Sendo assim, agora, é a nossa vez de entrar em campo e demonstrar espiritualidade e seriedade no fato de entendermos que não somos apenas “confessionais”, no sentido de crer, pregar e ensinar o conteúdo que nossas confissões regem; ao contrário, nossa maior responsabilidade, que de modo algum não

---

<sup>28</sup> PACKER, James, O conforto do conservadorismo, p. 234, grifo do autor, tradução minha.

<sup>29</sup> GEORGE, Timothy, Teologia dos reformadores, p. 83.

<sup>30</sup> COSTA, Hermisten, Eu creio, p. 46.

<sup>31</sup> HORTON, Michael, Os Sola’s da Reforma, p. 101.

podemos resignar, é sermos confessantes, isto é, “não é um mero compromisso com a fidelidade ao passado, embora seja isso, mas é também *nossa* confissão *nesta* época e lugar. Nosso mundo, cercado de novos temores e falsas esperanças, requer uma nova confissão – não nova na mensagem, mas viçosa na apresentação.”<sup>32</sup>

### 1.2.2 A liberdade acadêmica

Além de sermos confessionais, o mundo acadêmico requer, também, sua liberdade acadêmica. A primeira pergunta que devo refletir ao falar de liberdade acadêmica é: onde essa liberdade se configurará? Este texto pretende aplicar o conceito de liberdade acadêmica a um Seminário Presbiteriano. Esse âmbito é diferente de uma faculdade confessional: Augustus Lopes, em uma das cartas de princípio da Universidade Presbiteriana Mackenzie, explicou que “ser confessional não pressupõe forçar essas convicções religiosas em alunos, professores e funcionários.”<sup>33</sup> E: “O Mackenzie sempre preservou a liberdade religiosa e o respeito quanto às crenças individuais e sabe fazer a diferença entre academia e Igreja. Contudo, como confessional, a Universidade se reserva o direito de testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo em seu campus.”<sup>34</sup> Entretanto, o objetivo de um seminário é diferente. A fim de introduzir o assunto, declinarei os propósitos de um seminário presbiteriano. Primeiramente, o propósito de um Seminário Teológico é estudar diretamente a Palavra de Deus e aplicar sua mensagem a todas as áreas da vida humana. Essa é a sua função principal. Quando estudei no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, uma das leituras sugestivas, para mim, foi a do apologeta reformado de origem holandesa Cornelius Van Til (1895-1987). Em um de seus livros, *Apologética Cristã*, ele enfatizou o que podemos aplicar nos seminários presbiterianos. Ele escreveu que em um seminário de linha ortodoxa, “a Bíblia é central, não apenas em cada disciplina, mas está no centro do currículo como um todo. Ela é vista como tendo autoridade em todos os assuntos acerca dos quais trata.”<sup>35</sup> O seminarista é “vacinado” com a verdade de que a Escritura aborda sobre todas as coisas, o que não significa que “[...] a Bíblia fale diretamente de jogos de futebol, ou átomos,

---

<sup>32</sup> HORTON, Michael, *Os Sola's da Reforma*, p. 101, grifos do autor.

<sup>33</sup> LOPES, Augustus, *Confessionalidade e liberdade acadêmica*, p. 1.

<sup>34</sup> LOPES, Augustus, *Confessionalidade e liberdade acadêmica*, p. 1.

<sup>35</sup> VAN TIL, Cornelius, *Apologética cristã*, p. 21.

etc., mas que ela fala de tudo, seja diretamente ou por implicação.”<sup>36</sup> Em segundo lugar, o seminário tem o propósito de ser “casa espiritual”, especialmente para os seus discentes.<sup>37</sup> A expressão “casa espiritual” precisa ser explicada. “Em sentido bíblico, o termo ‘casa’ significa não tanto o edifício mas a estirpe, a família.”<sup>38</sup> “A palavra ‘espiritual’ deriva do Espírito Santo, ou seja, daquela força criadora sem a qual não existiria nada real.”<sup>39</sup> A expressão “casa espiritual” não pode indicar, pelo hábito linguístico moderno, uma casa em sentido figurado e, portanto, irreal. O seminário deve ser, acima de tudo, uma “casa espiritual”, porque seu ajuntamento é de natureza espiritual, sendo, somente deste modo, uma casa autêntica. Joseph Ratzinger afirma, com razão, que : “os laços que derivam do Espírito Santo são mais radicados, mais fortes e mais vivos que o parentesco de sangue. Pessoas que se unem porque foram tocadas pelo Espírito Santo são mais próximas entre si quando poderiam ser por parentesco.”<sup>40</sup> O seminário é casa espiritual, porque é edificado pelo Espírito Santo para ser o local de ensino da Escritura Sagrada e da Tradição da Igreja que permanece de acordo com a Palavra de Deus. Os seminaristas estão unidos perenemente a Jesus Cristo, aquele que não foi gerado pela carne, mas pela vontade de Deus. “Isso dá uma harmonia interior, uma característica nova, uma nova razão de vida, mais forte que qualquer diversidade natural, e faz crescer o verdadeiro parentesco espiritual.”<sup>41</sup> Deste modo, o seminário pode se renovar continuamente, uma vez que nele os alunos se deixam guiar por Jesus Cristo na construção dessa casa espiritual.

O seminário é uma academia que estuda a teologia científica. Em um texto de 1982,<sup>42</sup> denominado *Natureza e liberdade do sistema acadêmico*, Joseph Ratzinger iniciou escrevendo: “o adjetivo ‘acadêmico’ provoca hoje reações conflitantes. Lembra, em primeiro lugar, coisas velhas e empoeiradas, uma teoria que se instalou em seu próprio mundo privado passando ao largo das exigências da realidade”.<sup>43</sup> O nome também recorda

---

<sup>36</sup> VAN TIL, Cornelius, *Apologética cristã*, p. 21.

<sup>37</sup> Joseph Ratzinger (1927 - ) possui um artigo muito interessante sobre o propósito de um Seminário. Este texto foi publicado na etapa preparatória do Sínodo sobre os sacerdotes, ocorrido em Roma, entre os dias 30 de setembro e 28 de outubro, sob o tema: “A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais”. Mesmo sendo um texto católico, há bastante conceitos que cabem também aos seminários reformados (RATZINGER, Joseph. *Seminário: não um hotel, mas uma casa* (fevereiro de 1990), p. 37-44).

<sup>38</sup> RATZINGER, Joseph, *Seminário: não um hotel, mas uma casa* (fevereiro de 1990), p. 38-39.

<sup>39</sup> RATZINGER, Joseph, *Seminário: não um hotel, mas uma casa* (fevereiro de 1990), p. 39.

<sup>40</sup> RATZINGER, Joseph, *Seminário: não um hotel, mas uma casa* (fevereiro de 1990), p. 39.

<sup>41</sup> RATZINGER, Joseph, *Seminário: não um hotel, mas uma casa* (fevereiro de 1990), p. 39.

<sup>42</sup> RATZINGER, Joseph, *Naturaleza y misión de la teología*, p. 11.

<sup>43</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 27.

que o fundador da Academia foi o filósofo Platão (427-347 a.C.). No entanto, “... o platonismo é visto por muitos como a fuga para o mundo irreal das ideias puras, como a essência de uma superada orientação do espírito, apesar de todas as reabilitações de Platão que se podem observar, por exemplo, na ciência natural ou na política.”<sup>44</sup> Hoje, só há um brilho quando se diz a palavra “acadêmico”: quando a unimos à palavra “liberdade”. Em nossa época, ouvimos, de modo empírico, indivíduos defendendo que deve existir um espaço livre para o espírito, local em que podemos obedecer apenas às nossas próprias regras pessoais; uma esfera em que o indivíduo sinta que não está subordinado a nenhuma norma externa. “A luta que se trava aqui conhece muitas modalidades. Trata-se, por um lado, da defesa das disciplinas ‘inúteis’ – as assim chamadas ciências do espírito – contra a prepotência do útil.”<sup>45</sup> Precisamos reconhecer, também, que as ciências naturais não foram descobertas para serem isoladas ou tornadas fracas: elas também lutam pela liberdade para que elas próprias possam determinar seu objeto, não sendo obrigadas a receber ordens das imposições do mercado. Por fim, existe “... o clamor particular dos teólogos por sua liberdade acadêmica frente à instituição da Igreja, seu desejo de poderem determinar suas próprias questões e resultados, como o fazem, por exemplo, os filósofos.”<sup>46</sup> O ensino, com essa visão de liberdade, torna-se utilitarista, perdendo seu fundamento intrínseco. Quando eu afirmo que o seminário possui confessionalidade que não perde de vista sua liberdade acadêmica, não presumo que os teólogos do seminário desafiem a instituição Igreja Reformada de que fazem parte. Penso em duas questões fundamentais. Primeiramente, nossa confessionalidade não deve ser como um castelo fechado, com água e crocodilos ao redor, evitando-se que se entre nele. Um lugar desse tipo espanta qualquer um de queira aproximar-se, parecendo uma “casa mal-assombrada”, cheia de mistérios e austeridade. Um indivíduo confessional deve ser como um castelo, belo e sublime, acessível com sua porta sempre aberta, cuja ponte sem obstáculos conduza ao seu interior todos os que desejarem conhecer seus contornos. O confessional é como um castelo bem arejado e com excelente recepção para o diálogo que não relativize, sob nenhuma circunstância, a verdade.

Em segundo lugar, quando declaro que o seminário possui confessionalidade que não perde de vista sua liberdade acadêmica, penso no ensinamento de Clemente de

---

<sup>44</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 27.

<sup>45</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 27.

<sup>46</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 27-28.

Alexandria (150-215) de que todas “[...] as coisas que cooperam na descoberta da verdade não devem ser rejeitadas.”<sup>47</sup> Também Agostinho de Hipona (354-430) afirmou que “... todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor”.<sup>48</sup> Agostinho quis que entendêssemos que foi Deus quem colocou no coração do ser humano a busca pela verdade. Ele afirmou que “[...] todos querem a alegria que provém da verdade”,<sup>49</sup> e que é o auxílio divino que faz com que cada indivíduo aspire à primeira das suas liberdades: poder buscar a verdade.<sup>50</sup> Em Agostinho, percebemos que a pergunta pela liberdade é intrinsecamente ligada à pergunta pela verdade. Para Ratzinger, “quando a verdade deixa de ser um valor em si mesma, quando deixa de ser merecedora de empenho e atenção, o conhecimento só poderá ser avaliado através da utilidade. Nesse caso ele já não se justifica por si mesmo, mas apenas pelos objetivos a cujo serviço se encontra.”<sup>51</sup> Isto significa que se a verdade deixar de possuir seu próprio valor e não ser merecedora de empenho e de atenção, especialmente pela Igreja Cristã que é sua guardiã, o conhecimento dela será avaliado meramente por meio da utilidade. Isso é perigoso, porque faz com que o conhecimento da verdade não se justifique por si mesmo, mas somente pelos objetivos daqueles que querem manipulá-la, tornando válida a regra “os fins justificam os meios”. Um mundo desse tipo seria impossível de ser habitado, pois se o ser humano não pudesse de nenhum modo reconhecer ele próprio a verdade, mas somente a utilidade das coisas para isso ou para aquilo, logo, a regra de qualquer ação e de todo o pensar seria o mero uso e o consumo, fazendo com que o mundo se transformasse unicamente em “matéria para a prática”. As duas grandes questões que levanto aqui são: (1) a verdade é acessível ao ser humano?; (2) o ser humano se liberta com o conhecimento da verdade ou é o abandono da verdade que o liberta? A grande alternativa de nossa época é entre a liberdade do fazer e a liberdade da verdade. Contudo, se a liberdade do fazer não se deixar tolher pela verdade, ela torna-se a ditadura dos fins, causando um mundo onde a verdade seja transcurada e o ser humano seja apenas aparentemente livre, mas ainda escravo. “Só quando a verdade tiver valor em si mesma, e quando ver a verdade for mais importante do que todos os êxitos e

---

<sup>47</sup> “[...] the things which co-operate in the discovery of truth are not to be rejected” (CLEMENT OF ALEXANDRIA, *The Stromata*, or *Miscellanies*, VI, 15, tradução minha).

<sup>48</sup> AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, II, 19, 28.

<sup>49</sup> AGOSTINHO, *Confissões*, X, 23, 33.

<sup>50</sup> AGOSTINHO, *Livre-Arbitrio*, I,2,4.

<sup>51</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 30-31.

sucessos, só então é que seremos livros. E por isso a liberdade verdadeira é apenas a liberdade da verdade.”<sup>52</sup>

O reformador João Calvino (1509-1564) bebeu na fonte agostiniana para declarar que toda verdade procede de Deus. E ele faz isso de forma bem interessante, ensinando que sempre que encontramos qualquer admirável luz da verdade nos escritores profanos, é essencial recordarmos que a mente do ser humano, por mais que esteja em colapso e pervertida de sua integridade, ainda assim é adornada por excelentes dons de Deus. Por isso, “se considerarmos que a única fonte da verdade seja o Espírito de Deus, nem repeliremos nem desprezaremos a própria verdade, onde quer que apareça, a não ser que queiramos injuriar o Espírito de Deus”.<sup>53</sup> É forte esta expressão do reformador: “a não ser que queiramos injuriar o Espírito de Deus”. Calvino ensina que aquele que nega que Deus possa proclamar sua verdade onde quer injuria o Espírito divino. Em outro texto, Calvino comenta a citação que Paulo fez de Epimênides (meados dos anos 600 a.C.), em Tito 1.12. Ele afirma: “não tenho dúvida de que esta referência aponta para Epimênides, que era cretense. Pois quando Paulo diz que ele era ‘um de seu meio’ e ‘seu próprio profeta’, indubitavelmente quis dizer que ele era cretense de nascença”.<sup>54</sup> A partir daí, Calvino conclui: “desta passagem podemos inferir que é supersticioso recusar-se fazer qualquer uso de autores seculares. Porque, visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus”.<sup>55</sup> E: “além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?”.<sup>56</sup> Calvino, da mesma forma que Agostinho, reconhece que a verdade de Deus é universal e pode ser proclamada por quem Deus desejar. Por isso, não é ilícito citarmos pessoas que não adotem nossa confessionalidade se o que elas dizem está de acordo com a regra de fé e prática adotada por nossa confissão reformada: a Escritura Sagrada. Por isso posso, mesmo sendo presbiteriano e escrevendo para uma revista presbiteriana, citar o que Joseph Ratzinger pensa sobre determinado assunto, porquanto se o que ele fala estiver de acordo com a verdade absoluta de Deus, a Escritura Sagrada, suas palavras são verdadeiras e dignas de crédito.

---

<sup>52</sup> RATZINGER, Joseph, *Natureza e liberdade do sistema acadêmico* (1982), p. 32.

<sup>53</sup> JOÃO CALVINO, *A instituição da religião cristã*, II, 2, 15.

<sup>54</sup> JOÃO CALVINO, *As pastorais*, (Tt 1.12), p. 317.

<sup>55</sup> JOÃO CALVINO, *As pastorais*, (Tt 1.12), p. 318.

<sup>56</sup> JOÃO CALVINO, *As pastorais*, (Tt 1.12), p. 318.

## 2 O TEÓLOGO RATZINGER: UMA INTRODUÇÃO

Neste artigo, não me limitarei a questões bibliográficas acerca de Joseph Ratzinger (1927 -).<sup>57</sup> Minha ênfase recairá em uma síntese sobre a carreira acadêmica e eclesiástica dele. A sequência que usarei será retirada de meu artigo *Joseph Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade*.<sup>58</sup> Ratzinger é um dos mais prolíficos teólogos da sua geração, sendo, com certeza, um dos autores mais conhecidos e discutidos do século XX, um daqueles que ficarão para a história, cuja leitura necessariamente nos faz pensar.<sup>59</sup> A carreira de Ratzinger pode ser resumida como segue: a) em 6 de novembro de 1992, ele foi nomeado membro associado da prestigiosa Academia Francesa, na seção de Ciências Morais e Políticas. A teóloga australiana Tracey Rowland, sobre esse fato, escreveu: “Esta honra, conferida por uma instituição completamente secular, sediada na capital de um país reconhecido por manter Deus fora do âmbito público pelo menos desde 1789, indica de alguma forma a elevada reputação de Ratzinger no mundo da literatura europeia”;<sup>60</sup> b) Ratzinger teve cargos na Universidade de Bonn (1959–1963), na Universidade de Münster (1963–1966), na Universidade de Tubinga (1966–1969) e na Universidade de Ratisbona (1969–1977); c) em 1977, foi consagrado Bispo e nomeado Cardeal pelo Papa Paulo VI. Sua nova diocese tinha um passado ilustre e um presente importante, como o é Munique da Baviera. Todavia, o sacerdote colocado de surpresa naquela Sede Episcopal já era um dos mais famosos intelectuais católicos, com o nome assegurado em qualquer história da teologia contemporânea;<sup>61</sup> d) foi designado Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé por João Paulo II, em 1981, cargo considerado o segundo mais importante dentro da Igreja Católica, após a Sede Pontifícia, ou aquele de maior significado dentre os nove líderes de Congregações.<sup>62</sup> A Congregação para a Doutrina da Fé trata-se da instituição vaticana que durante quatro séculos foi denominada de “Inquisição Romana e Universal” ou “Santo Ofício”. Ela é o instrumento através do qual

---

<sup>57</sup> Quem desejar, poderá consultar as seguintes obras para obter um perfil biográfico de Joseph Ratzinger (1927 -): BLANCO SARTO, La teología de Joseph Ratzinger, p. 18-37; RATZINGER, Joseph, Lembranças da minha vida; BLANCO SARTO, Pablo, Joseph Ratzinger – uma biografia; TORNIELLI, Andrea, Bento XVI – o guardião da fé, p. 7-64.

<sup>58</sup> BERTUCI, Heber, Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade, p. 2-3.

<sup>59</sup> Estas informações, as quais eu concordo, foram retiradas de: ROWLAND, Tracey, A fé de Ratzinger, p. 21; CASALE, Umberto apud BLANCO SARTO, La teología de Joseph Ratzinger, p. 7; RAMOS CENTENO, Vicente, Pensando con Ratzinger, p. XVII.

<sup>60</sup> ROWLAND, Tracey, A fé de Ratzinger, p. 21. (A alínea “b” e a primeira parte da “c” também foram retiradas desta mesma referência).

<sup>61</sup> RATZINGER, Joseph; MESSORI, Victor, A fé em crise, p. 7.

<sup>62</sup> ROWLAND, Tracey, A fé de Ratzinger, p. 21.

a Santa Sé proporciona o aprofundamento da fé e vela pela sua integridade, sendo a guarda defensora da ortodoxia católica. Não é por acaso que se esta Congregação se encontra em primeiro lugar na lista oficial das congregações da Cúria Romana, é importante afirmar que, com a escolha de Ratzinger para essa Congregação, João Paulo II desejou fazer uma escolha de prestígio;<sup>63</sup> e) Ratzinger esteve presente no Concílio Vaticano II: com pouco mais de trinta anos de idade, ele participou do Vaticano II (1962–1965) como assessor ou *peritus* do Cardeal de Colônia, Joseph Frings (1887-1978).<sup>64</sup>

Para abordar o que Ratzinger entende por vocação, é necessário, em primeiro lugar, que se entenda que ele reflete sobre o tema por ser teólogo.<sup>65</sup> O que é a teologia para ele? Em síntese, ele afirmou, em 1979,<sup>66</sup> que “[...] a teologia tem a ver com Deus”.<sup>67</sup> Com essa convicção, em 1997, ele declarou: “[...] Deus é a temática central de meus esforços”.<sup>68</sup> Em 1984, ensinou que, ao lidar com o divino, a teologia é a realização compreensiva da revelação de Deus, sendo a fé em busca de compreender: “por conseguinte, ela própria não encontra seus conteúdos, mas os obtém da revelação, para em seguida compreendê-los em sua ligação e em seu sentido interno”.<sup>69</sup> Nesse contexto transcendente, ele declarou, em 1997: “[...] quando se estuda teologia, não se quer aprender um ofício, mas compreender a fé – o que pressupõe que a fé seja verdadeira”.<sup>70</sup> Além de trabalhar para entender os assuntos da revelação divina, a teologia também labuta para que o ser humano entenda a si mesmo, o seu próximo e a criação de Deus. Em 1997, Ratzinger declarou que o trabalho da teologia é dar “[...] acesso à verdadeira compreensão da própria vida, do mundo e das pessoas”.<sup>71</sup> Esse é o lado imanente da pesquisa teológica, mesmo que nele, também, encontre-se o elemento transcendente. Nesse campo, ainda em 1997, Ratzinger declarou que, por si só, a leitura teológica não torna uma pessoa automaticamente melhor. “Contribuí um pouco para isso, quando a pessoa não se limita apenas à teoria, mas através

---

<sup>63</sup> Retirei estas informações de: RATZINGER, Joseph; MESSORI, Victor, A fé em crise, p. 1,2,7.

<sup>64</sup> ROWLAND, Tracey, A fé de Ratzinger, p. 21.

<sup>65</sup> BERTUCI, Heber, Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade, p. 5-6.

<sup>66</sup> RATZINGER, Joseph, Principles of Catholic Theology, p. 398.

<sup>67</sup> “[...] Theology has to do with God” (RATZINGER, Joseph, What is Theology?, p. 316, tradução nossa).

<sup>68</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 54.

<sup>69</sup> RATZINGER, Joseph, Fé, filosofia e teologia (Conferência de 1984), p. 16.

<sup>70</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 49.

<sup>71</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 49.

dela procura compreender-se melhor e compreender o Homem e o mundo no seu todo, adotando-a, em seguida como forma de vida.”<sup>72</sup>

De acordo com o teólogo alemão, não foi seu propósito elaborar um pensamento original e próprio, conforme outros autores do século XX.<sup>73</sup> Em suas palavras, ditas em 1997, Ratzinger afirmou que nunca procurou construir um sistema próprio, uma “teologia especial”. O que tinha de específico em sua teologia era o seu desejo de pensar com a fé da Igreja, ou seja, pensar com os grandes pensadores da fé. Ele disse: “Não é uma teologia isolada, tirada de mim mesmo, mas sim uma teologia que se abre, tanto quanto possível, dentro do caminho comum do pensamento da fé”.<sup>74</sup> Essas palavras indicam que a teologia de Ratzinger seria uma *com-teologia*, uma teologia em diálogo com a Igreja, a história e a própria realidade.<sup>75</sup> O teólogo alemão não é, de fato, um intelectual recluso em sua torre de marfim: a sua teologia abrange todos os campos do conhecimento teológico. Podemos afirmar que cada seção de uma biblioteca teológica tem algum livro dele,<sup>76</sup> pois em cinquenta anos de escrita, dificilmente há algum tema teológico sobre o qual ele não tenha explanado.<sup>77</sup> Por essa razão, o nome de Ratzinger está ligado a uma visão geral original da teologia sistemática.<sup>78</sup> O estudo sobre a importância da razão no cristianismo é amplamente debatido nos meios teológicos, mormente depois da publicação da encíclica *Fides et Ratio* (1998), de João Paulo II. Contudo, o assunto já ocupava a atenção de Ratzinger desde seus primeiros passos como teólogo, conforme se observa em seus artigos no início dos anos 60 do século passado.<sup>79</sup> Após essas explicações acerca da teologia de Joseph Ratzinger, na próxima sessão, sintetizarei o que a teologia de Ratzinger fala sobre vocação.

### 3 A VOCAÇÃO PASTORAL NA VISÃO DE JOSEPH RATZINGER

Ao abordar sobre a vocação em Joseph Ratzinger (1927 - ), concentrar-me-ei na questão pastoral. De que maneira ele observa a vocação? Meu primeiro público leitor é formado

---

<sup>72</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 11.

<sup>73</sup> BLANCO SARTO, Pablo, La teología de Joseph Ratzinger, p. 7.

<sup>74</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 54.

<sup>75</sup> BLANCO SARTO, Pablo, La teología de Joseph Ratzinger, p. 7.

<sup>76</sup> BLANCO SARTO, Pablo, La teología de Joseph Ratzinger, p.11.

<sup>77</sup> CORKERY, James, Joseph Ratzinger's theological ideas, p. 28.

<sup>78</sup> MÜLLER, Gerhard, Ampliare l'orizzonte della ragione, p. 5-6.

<sup>79</sup> BLANCO SARTO, Pablo, Joseph Ratzinger – uma biografia, p. 16.

pelos alunos de um seminário, isto é, futuros pastores. Certamente, eles esperam que este texto tenha algo a ver com a realidade intrínseca deles. Com isto em mente, citarei alguns pontos que resumem a concepção pastoral de Ratzinger.

### **3.1 Ser pastor é se sentir vocacionado e superar as crises**

Para Ratzinger, ser pastor é se sentir vocacionado e saber superar as crises. Citarei algumas explicações de Ratzinger sobre a vocação dele. Em 1997, o jornalista alemão Peter Seewald (1954 - ) perguntou a Ratzinger: “Como se manifestou a sua vocação?”, “Quando é que o senhor soube que era chamado?”. Ratzinger respondeu: “Em todo o caso, não houve nenhum relâmpago de iluminação repentino, em que tivesse percebido que devia ser padre. Pelo contrário, tudo se desenvolveu devagar e teve sempre de voltar a ser considerado e readquirido. Também não poderia fixar uma data para essa decisão”.<sup>80</sup> E continuou: “Mas a consciência de que Deus tem um projeto para cada pessoa, e também para mim, tornou-me muito cedo clara em mim; de que comigo está presente uma ideia de Deus. E, pouco a pouco, fui me dando conta de que o projeto d’Ele estava relacionado com o sacerdócio”.<sup>81</sup> Seewald também indagou: “O senhor teve mais tarde algo semelhante aos momentos de iluminação?”. Eis a resposta: “Bem, não tive uma iluminação no sentido clássico, meio mística. Sou um cristão normal. Mas, num sentido mais lato, a fé ilumina”.<sup>82</sup> Ratzinger também descreve algumas crises em seu percurso após sua decisão para ser padre. Na entrevista, Seewald pergunta se ele não teve, em certos momentos, algumas dúvidas sobre si mesmo, tentações ou seduções. Ratzinger respondeu positivamente, afirmando que durante os seis anos de estudo de teologia os alunos costumam se deparar com muitos problemas e questões humanas. No caso dele, as seguintes perguntas foram feitas: “O celibato é a coisa certa para mim?”; “Ser padre é a coisa certa para mim?”. Ele explica: “Essas questões nem sempre foram fáceis de resolver. Tive sempre diante de mim a direção fundamental, mas também não faltaram momentos de crise”.<sup>83</sup> Seewald, então, perguntou: “Que crises surgiram?”, “Pode dar-nos um exemplo?”. Na resposta, Ratzinger recordou-se do tempo que passou em Munique. Antes de citar a fala dele sobre suas dúvidas em Munique, é importante observar o clima

---

<sup>80</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 45.

<sup>81</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 45.

<sup>82</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 45.

<sup>83</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 46.

que ele encontrou ali. O especialista em estudos de Ratzinger, o teólogo espanhol Pablo Blanco Sarto (1964 - ), explicou: “Em 1947, com vinte anos, uma vez finalizado o biênio filosófico, o seminarista Joseph inicia os três anos de estudos de teologia no Georgianum, um instituto teológico associado à Universidade de Munique”.<sup>84</sup> Nas palavras de Ratzinger, em 1997: “Em nosso programa de estudos havia, naquele tempo, dois anos de filosofia, que no semestre do verão de 1947 estavam terminando. Então eu tinha que tomar uma nova decisão”.<sup>85</sup> É essencial recordarmos que o clima ainda era do mundo pós-guerra. É sempre importante termos essa informação em mente quando reclamamos de nossa situação como estudantes de teologia. Às vezes, deparo-me com seminaristas que reclamam constantemente do estudo presencial no seminário (querendo apenas aulas on-line), do deslocamento para o seminário etc. Vale recordarmos que nossas situações atuais (refiro-me ao perigo de uma cidade grande) não chegam perto do clima de um mundo pós-guerra, conforme Ratzinger e outros encontraram ao estudarem teologia. Ratzinger relata: “Já que por falta de combustível um semestre completo de inverno não era realizável, o ano acadêmico de 1947/48 começou no dia 1º de setembro; em compensação, tínhamos férias de Natal até a Páscoa, isto é, cerca de meses e meio”.<sup>86</sup> Ratzinger chegou a Munique no final de agosto, para os exercícios espirituais que precediam o ano letivo. Ele narra que “em sua maior parte, a universidade ainda estava em ruínas. Também a biblioteca ainda era quase toda inacessível. A faculdade teológica encontrara um local provisório em Fürstenried, que outrora fora o castelo real de caça”.<sup>87</sup> Eis o relato da primeira manhã de Ratzinger em Munique: “Quando, na primeira manhã, abri os olhos, sonolento ainda, pensei um momento que era guerra de novo e que eu estava de volta à bateria da nossa Flak. A alimentação também era parca, porque não se podia contar com uma fazenda própria, como em Frisinga”.<sup>88</sup> Além disso, “No próprio castelo, instalar se uma pequena enfermaria militar, para feridos estrangeiros, bem como a Casa de Retiros”.<sup>89</sup> Sobre o sentimento que teve sobre o fim da guerra, Ratzinger declarou, em

---

<sup>84</sup> BLANCO SARTO, Pablo, *Joseph Ratzinger – uma biografia*, p. 37.

<sup>85</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 53.

<sup>86</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 54.

<sup>87</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 54.

<sup>88</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 55.

<sup>89</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 55

1997: “Estava contente por a guerra ter acabado, e só pensei: espero que isto não dure muito tempo”.<sup>90</sup>

Foi nesse período em Munique que Ratzinger falou para Seewald sobre suas crises. Ele tinha 20 anos. Uma de suas crises foi em relação ao celibato – indagava-se se conseguiria viver a vida inteira em celibato.<sup>91</sup> A outra crise foi sua reflexão sobre o estudo acadêmico da teologia e as reais necessidades da Igreja “local”. Ele afirmou que estava fascinado “[...] pela teologia científica. Achava maravilhoso penetrar no grande mundo da história da fé; vastos horizontes do pensamento e da fé se abriram para mim, e aprendi assim a refletir sobre as questões originárias do ser humano, sobre as minhas próprias questões existenciais”.<sup>92</sup> Tornou-se claro para ele, porém, que “[...] é preciso mais do que gostar de teologia para a vocação sacerdotal, pois o trabalho na paróquia muitas vezes pode levar para longe daí e coloca exigências muito diferentes”.<sup>93</sup> Ele compreendeu que “[...] o sim ao sacerdócio significava para mim dizer sim a toda a missão, também nas suas formas mais simples”.<sup>94</sup> Esse dilema é o mesmo que eu senti ao estudar teologia e que, com certeza, todos os atuais alunos do seminário sentem. O estudo teológico é importante e deve ser inserido sempre na linguagem da Igreja. Por isso, entendo ser necessário compreendermos que faz parte da vocação pastoral fazer leituras da Igreja local, com o objetivo de proclamar a Palavra de Deus com fidelidade e de acordo com a linguagem de cada realidade.

### **3.2 Ser pastor é apascentar as ovelhas**

Primeiramente, chama-me a atenção o que Ratzinger entende sobre a função pastoral. A Escritura fala sobre o pastor em dois sentidos: o literal – o homem que cuida das ovelhas no campo; o figurado – o homem que cuida da Igreja de Cristo. Neste segundo sentido, em outubro de 1990, em uma conferência pronunciada por ocasião da abertura do Sínodo dos Bispos,<sup>95</sup> Ratzinger afirmou que na figura do pastor encontra-se a missão de “apascentar”.<sup>96</sup> Anos mais tarde, na encíclica *Spe Salvi*, de 2007, Bento XVI explicou que

---

<sup>90</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 49.

<sup>91</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 47.

<sup>92</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 46.

<sup>93</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 46.

<sup>94</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 46.

<sup>95</sup> RATZINGER, Joseph, Prefácio (Festa da Epifania, 1991), p. 7.

<sup>96</sup> RATZINGER, Joseph, Sobre a natureza do sacerdócio (Conferência ao Sínodo dos Bispos, 10/1990), p. 78.

“[...] na figura do pastor a Igreja primitiva podia apelar-se a modelos existentes da arte romana. Nesta, o pastor era, em geral, expressão do sonho de uma vida serena e simples de que as pessoas, na confusão da grande cidade, sentiam saudade”.<sup>97</sup> A figura do pastor, portanto, trazia o sentimento de saudade da calma do campo, sem a agitação da grande cidade. O pastor (tanto no sentido literal como no figurado) é aquele que apascenta as ovelhas, trazendo-as para “pastos verdejantes”, conforme Davi ensina (Salmo 23.2). Uma das formas de o pastor apascentar as suas ovelhas é ensinando a partir de sua cátedra. O termo grego Καθέδρα significa “cadeira” ou “assento”.<sup>98</sup> De acordo com Irineu de Lion (130-202), “a cátedra é, de fato, símbolo da escola”.<sup>99</sup> Portanto, recorda Bento XVI, em sua Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão, pronunciada em 2005, a cátedra recorda a *potestas docendi*, o poder de ensino pastoral.<sup>100</sup> Onde a Escritura Sagrada é separada de sua correta interpretação, ela se torna refém das controvérsias dos peritos. “Sem dúvida, tudo o que eles têm para nos dizer é importante e precioso; o trabalho dos sábios é para nós um grande contributo para poder compreender aquele processo vivo com o qual a Escritura cresceu e para compreender a sua riqueza histórica.”<sup>101</sup> A ciência sozinha, porém, não tem a capacidade de nos conceder uma interpretação de cunho definitivo e vinculante. Ela “[...] não é capaz de nos fornecer, na interpretação, aquela certeza com a qual podemos viver e pela qual podemos até morrer”.<sup>102</sup> Nós cristãos não temos dificuldade com a ciência. Contudo, conforme Ratzinger explicou, em 1997, “a razão sozinha, como exprime na ciência, não pode ser toda a resposta do Homem à realidade e não é capaz de expressar tudo o que o Homem pode, quer e deve exprimir”.<sup>103</sup> Contra essa visão “de baixo” da mensagem bíblica, os pastores, ao serem fiéis à correta interpretação da Escritura, podem apresentar uma Palavra “do alto”, cuja autoridade é inspirada por Deus. Bento XVI, em 2005, explicou que “este poder de ensinamento assusta muitos homens dentro e fora da Igreja. Perguntam-se se ela não ameaça a liberdade de consciência, se não é uma soberba em

---

<sup>97</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, n. 6.

<sup>98</sup> Καθέδρα. In: GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W., Léxico do N.T. grego/português, p. 105.

<sup>99</sup> IRINEU DE LIÃO, Demonstração da pregação apostólica, n. 2.

<sup>100</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 54.

<sup>101</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 54-55.

<sup>102</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 54-55.

<sup>103</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 40.

oposição à liberdade de pensamento”.<sup>104</sup> Em resposta, Bento XVI escreveu que “o Papa não é um soberano absoluto, cujo pensar e querer são leis. Ao contrário: o ministério do Papa é garantia da obediência a Cristo e à sua Palavra”.<sup>105</sup> O Papa não proclama as próprias ideias, “[...] mas vincular-se constantemente a si e à Igreja à obediência à Palavra de Deus, tanto perante todas as tentativas de adaptação e de adulteração, como diante de qualquer oportunismo”.<sup>106</sup> É evidente que nós, da Igreja Reformada, não aceitamos a autoridade papal em sua forma jurídica eclesiástica. Portanto, não cito as palavras acima de Bento XVI visando que elas nos falem sob a forma do primado de jurisdição. Desejo que a ideia pastoral das palavras seja aplicada em nosso sistema reformado: o pastor não é um soberano cujas palavras são leis, mas deve fazer a Escritura Sagrada resplandecer no seu coração e no coração dos membros da Igreja. E quem é o modelo pastoral correto? É Jesus Cristo. Em outubro de 1990, em uma conferência pronunciada por ocasião da abertura do Sínodo dos Bispos,<sup>107</sup> Ratzinger fez alusão ao texto de 1 Pedro 2.25: “Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma”. Ele recordou ali que Jesus é o exemplo de Pastor de cada cristão.

### **3.3 Ser pastor é conscientizar o ser humano de sua peregrinação neste mundo**

O pastor apascenta a Igreja de Cristo quando seu ensino traz para ela as respostas para as suas indagações. Em 1997, Ratzinger afirma que “[...] o Homem vem ao mundo como ser que interroga”,<sup>108</sup> e que “[...] está certo que o Homem existe, em primeiro lugar, como alguém que interroga, que está, no seu íntimo, por assim dizer, aberto às respostas”.<sup>109</sup> Ainda em 1997, ao recordar de seus tempos de estudo na juventude no Seminário de Frisinga (a qual ele voltou, depois da guerra, após o Natal de 1945),<sup>110</sup> Ratzinger não hesitou em reconhecer que “nós, porém, como jovens, não deixávamos de ser questionadores”.<sup>111</sup> Trabalhar como professor de um seminário torna visível essa percepção. Nas aulas que ministro, percebo vividamente o espírito questionador dos

---

<sup>104</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 55.

<sup>105</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 55.

<sup>106</sup> BENTO XVI, Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/5/2005), p. 55.

<sup>107</sup> RATZINGER, Joseph, Prefácio (Festa da Epifania, 1991), p. 7.

<sup>108</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 35.

<sup>109</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 35.

<sup>110</sup> RATZINGER, Joseph, Lembranças da minha vida, p. 47-48; BLANCO SARTO, Pablo, Joseph Ratzinger – uma biografia, p. 34-35.

<sup>111</sup> RATZINGER, Joseph, Lembranças da minha vida, p. 51.

jovens alunos. O ser humano busca respostas o tempo todo. Isso indica que ele sabe que é passageiro e peregrino neste mundo, e que precisa se preocupar em entender a realidade que o cerca, enquanto vive. O pastor deve ensinar que cada ser humano é passageiro neste mundo. Ratzinger reflete sobre a peregrinação da existência humana. Ele, em 1997, escreveu: “O Homem não sabe simplesmente o que deve saber, e também não existe simplesmente, mas ele é Homem, um ser a caminho”.<sup>112</sup> Ratzinger percebe o conceito de peregrinação presente no chamado de Abraão e no seu desenvolvimento. A unidade do conceito escriturístico de fé entre Antigo e Novo Testamento é Abraão, uma vez que sua fé culmina no Cristo histórico. O teólogo alemão realizou algumas conferências radiofônicas (dezembro de 1969), em um programa especial da Emissora Radiofônica da Baviera.<sup>113</sup> Em uma delas, ele explicou que “a *Bíblia*, que descreve a primeira etapa da história da fé e que, ao mesmo tempo, apresenta um padrão constante, cita Abraão como a grande figura exemplar do crente[...]”.<sup>114</sup> O caminho de Abraão culminou na figura de Jesus de Nazaré. No Novo Testamento, Abraão é considerado “[...] o antepassado de todos os crentes, de modo que Paulo considera que os cristãos são justamente filhos de Abraão: segundo o seu ponto de vista, são eles e só eles que continuam o caminho que ele começou.”<sup>115</sup> Deus fez a promessa a Abraão, “... o modelo fundamental de toda a fé...”,<sup>116</sup> de que ia acompanhá-lo em direção à terra da promessa (Gênesis 12.1-3). As reflexões de Ratzinger sobre isso devem ser citadas:

(1) Abraão entrega seu futuro nas mãos do Deus que lhe chama: “encontrou Deus e entrega o seu futuro em suas mãos, ousa por Ele um novo futuro, que de início é obscuro. A palavra ouvida é para ele mais real do que aquilo que pode ser calculado, do que aquilo que pode agarrar”.<sup>117</sup> Desse modo, o futuro ganha primazia em relação ao presente e o que se ouve supera o que se pode tocar. Deus é para Abrão: “[...] ele mais importante do que ele próprio e do que as coisas que ele pode abranger com o seu olhar. Quebra-se a barreira daquilo que pode ser calculado, do tido com que se lida, e irrompe um novo horizonte infinitamente mais vasto, até à eternidade, até ao Criador”.<sup>118</sup>

---

<sup>112</sup> RATZINGER, Joseph, Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio, p. 35.

<sup>113</sup> RATZINGER, Joseph, Fé e futuro, prefácio, p. 9.

<sup>114</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 34, grifo do autor.

<sup>115</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 35.

<sup>116</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 39.

<sup>117</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 38.

<sup>118</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 38.

(2) O conceito de peregrinação está presente no chamado de Abraão e no seu desenvolvimento. Vale recordar que a figura do peregrino foi utilizada para indicar o indivíduo que, nesse mundo, vive pela fé. Para Ratzinger, a peregrinação é a figura que a Escritura usa para demonstrar a conscientização que a fé concede a Abraão. “Tudo se exprime na imagem e na realidade da peregrinação: Abraão está a caminho. Já não pertence a nenhum lugar específico e por isso se tornou livremente e em qualquer lugar um estrangeiro, um hóspede”.<sup>119</sup> Na História da Igreja, Agostinho de Hipona (354-430), ao apresentar a transcendência de Deus em relação à vida passageira do ser humano nesta terra, usa também a figura do peregrino. Na obra *Confissões*, escrita em 13 livros, entre 397 e 401,<sup>120</sup> no Livro X, Agostinho traz uma meditação sobre a eternidade e o tempo, embasando-se no primeiro versículo do Gênesis.<sup>121</sup> O filósofo brasileiro Moacyr Novaes Filho afirmou que “o esforço incessante para encurtar uma distância infinita é apresentado pela metáfora do peregrino, não raro utilizada por Agostinho, que permite exibir certa ambiguidade da relação do tempo com a eternidade”.<sup>122</sup> Após pedir “Senhor, tem compaixão de mim e atende o meu desejo”, Agostinho justifica que não crê que o que pede a Deus se trata de um desejo de “[...] coisas terrenas, de ouro ou prata ou pedras preciosas, belas roupas, honras e poder ou prazeres carnis, nem tampouco de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa vida de peregrinação, coisas essas que todas nos serão dadas em acréscimo se procurarmos o teu reino e a tua justiça”.<sup>123</sup> Ao refletir sobre a figura do peregrino em relação à fé, conclui Ratzinger: “[...] a fé significa tornar-se peregrino e ultrapassar aquele falso sedentarismo que amarra o homem ao que é ‘pequenino, mas meu’ e lhe rouba assim a sua verdadeira grandeza”.<sup>124</sup>

(3) A fé indica a confiança no Deus que chama para segui-lo. “Abraão, em nome do futuro que a fé lhe prometia, se tornou apátrida e encontrou a sua pátria precisamente na certeza de sua fé.”<sup>125</sup> Em outra conferência radiofônica de 1969, Ratzinger declarou que “... o cerne da fé não é um sistema de conhecimentos, mas sim uma confiança”.<sup>126</sup> A

---

<sup>119</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 38.

<sup>120</sup> ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred, *Patrologia*, p. 416.

<sup>121</sup> NOVAES FILHO, Moacyr, *A razão em exercício*, p. 211.

<sup>122</sup> NOVAES FILHO, M., *A razão em exercício*, p. 213.

<sup>123</sup> AGOSTINHO, *Confissões*, XI, 2, 4.

<sup>124</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 50.

<sup>125</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 39.

<sup>126</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e saber” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 30.

partir da história de Abraão, o teólogo alemão define “fé” do seguinte modo: “A fé significa que o futuro prevalece sobre o presente, significa a disponibilidade de abandonar o Presente graças ao futuro. A fé significa uma vida vivida com espírito de confiança. A fé significa a certeza de que é Deus quem assegura o futuro do homem”.<sup>127</sup> Dentro dessa definição, Ratzinger enfatiza que a fé é conduz o pensamento humano para a eternidade: “A fé significa, portanto, a ruptura com o mundo do calculável, do quotidiano e o contacto com o eterno, o interesse do homem pelo eterno – pelas coisas da eternidade[...]”.<sup>128</sup> E continua afirmando que a fé significa a coragem audaz que “[...] o homem pode sentir perante o eterno, contra a presunção da mentalidade tacanha, que não quer ver para lá do imediato e que não ousa enfrentar as coisas grandes, coisas que na vida humana, podem ir mais além do que o pão de cada dia e o sustento para o dia seguinte”.<sup>129</sup> Observamos nessa definição que Ratzinger já criticava, no final da década de 1960, a fé que não vislumbra a eternidade, mas se detém apenas no que é calculável e quotidiano. O pastor, vocacionado por Deus, deve ter a consciência e ensinar as suas ovelhas que cada ser humano é peregrino neste mundo, e que a fé deve ampliar o nosso horizonte e elevá-lo rumo ao pensamento de Deus, fazendo um movimento vertical preciso.

### 3.4 Ser Pastor é buscar e viver a verdade

Para Joseph Ratzinger, o pastor deve aprender a verdade para viver a mensagem dela e ensiná-la. O lema que Ratzinger escolheu quando foi nomeado para arcebispo de Munique e Freising, a 25 de março de 1977, e da sua nomeação episcopal, a 28 de maio de 1977, foi *Cooperatores veritatis* (“colaboradores da verdade”). O lema foi retirado da Terceira Carta de João (3.8).<sup>130</sup> Vou citar o próprio Ratzinger explicando o seu lema, porque é sempre importante ouvirmos o próprio autor falar. Essa ênfase, eu aprendi bem cedo no estudo de teologia. Eu entrei para o estudo teológico com apenas 17 anos. Uma das primeiras leituras que eu fiz na Biblioteca do Instituto Bíblico Eduardo Lane (Patrocínio, Minas Gerais), foi a obra do teólogo Hermisten Costa, chamada *A Inspiração e Inerrância das Escrituras*, que havia sido lançada em 1998. Uma das questões que me chamaram a atenção na leitura foi a perspicácia do autor na citação de fontes primárias. A leitura me

---

<sup>127</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 39.

<sup>128</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 39 - 40.

<sup>129</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 40.

<sup>130</sup> VIGINI, Giuliano, Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger, p. 7; BLANCO SARTO, Pablo, Joseph Ratzinger – uma biografia, p. 93.

foi tão agradável que percebi a importância de sempre citar as fontes primárias em meus textos. É isso que farei, agora, permitindo que o próprio Ratzinger explique o seu brasão. Em 1997, na biografia *Lembranças da Minha Vida*, Ratzinger declarou que como lema episcopal escolheu a palavra da terceira carta de São João, “Cooperadores da Verdade”: “[...] de um lado, porque me parecia ser o elo que juntava minha tarefa anterior à nova incumbência: apesar de todas as diferenças, tratava-se e trata-se da mesma coisa – seguir a verdade e estar a seu serviço”.<sup>131</sup> E continuou: “E já que no mundo de hoje o tema ‘verdade’ quase sumiu totalmente, já que aparece como algo grande demais para o ser humano, mas por outro lado tudo decai quando não há verdade, por isso esse lema me pareceu também ‘moderno’, no bom sentido”.<sup>132</sup>

Todo autor tem um tema preferido para tratar. Alguns seguem essa pesquisa desde a sua juventude. Uma das questões que me chamou atenção quando li a obra *De libero arbitrio*, escrita por Agostinho de Hipona (354-430), entre 388 a 395,<sup>133</sup> foi descobrir um dos temas que Agostinho se interessou em investigar desde a juventude. Evódio perguntou: “Dize-me, entretanto, qual a causa de praticarmos o mal?”.<sup>134</sup> Agostinho respondeu: “Ah! Suscitas precisamente uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem”.<sup>135</sup> Ratzinger também possui um tema que gosta bastante de investigar: a verdade. De que maneira ele ensina sobre a verdade? Eis uma síntese.

(1) Em primeiro lugar, Ratzinger observa dificuldades com a maneira que o mundo pós-guerra lidou com a verdade. Quanto à seriedade da pergunta, Ratzinger escreveu: “Que é a verdade? A pergunta lançada eticamente pelos pragmáticos é uma pergunta muito séria, que efetivamente diz respeito ao destino do homem”.<sup>136</sup> Qual é a resposta dada a essa pergunta? Em 1969, Ratzinger apontava uma falha sobre a verdade: absolutizar a verdade comprovada pela ciência. “A desistência da verdade em si mesma, retirada para o constatável que se pode comprovar, e a exatidão dos métodos fazem parte das características dominantes da atitude científica moderna”.<sup>137</sup> Alhures, completou: “A

---

<sup>131</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 137.

<sup>132</sup> RATZINGER, Joseph, *Lembranças da minha vida*, p. 137.

<sup>133</sup> ALTANER, B.; STUIBER, A, *Patrologia*, p. 425.

<sup>134</sup> Evódio. Apud AGOSTINHO, *O livre-arbítrio*, I, 2, 4.

<sup>135</sup> AGOSTINHO, *O livre-arbítrio*, I, 2, 4.

<sup>136</sup> RATZINGER, Joseph, *Política e verdade: Jesus perante Pilatos*, p. 43.

<sup>137</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e saber” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 24.

consolidação dos métodos de observação não o levaram a libertar-se mais e a progredir no sentido do fundamento das coisas; antes pelo contrário, tornaram-no prisioneiro dos seus métodos e prisioneiro de si mesmo”.<sup>138</sup> Anos mais tarde, no dia 27 de novembro de 1999, o Cardeal Ratzinger participou de um colóquio na Universidade de Paris IV – Sorbonne –, sob o tema: “2000 Anos Depois, O Que?”. As primeiras palavras dele no colóquio enfatizaram que o mundo atual duvida que os assuntos divinos possam ser, realmente, conhecidos: “No final do segundo milênio, o cristianismo encontra-se na Europa, justamente no lugar da sua de fusão originária, em profunda crise, baseada na sua pretensão à verdade”.<sup>139</sup> Uma das dimensões da crise é nos indagarmos se podemos aplicar à religião a noção de verdade, ou seja, se ao homem é consentido conhecer a verdade sobre Deus e os assuntos divinos. Para alguns, o ser humano, “[...] com a sua pretensão à verdade, parece estar particularmente cego diante do limite de cada um dos nossos conhecimentos do divino, caracterizado por fanatismo particularmente incensado, que incorrigivelmente toma o todo pela porção tocada na sua própria experiência”.<sup>140</sup> Na bela Homilia do Natal de 2012, denominada *Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada*, o Papa afirmou que há correntes que afirmam que as religiões, mormente o monoteísmo, “[...] seriam a causa da violência e das guerras no mundo; primeiro seria preciso libertar a humanidade das religiões, para se criar então a paz”.<sup>141</sup> Defendem que “o monoteísmo, a fé no único Deus, seria prepotência, causa de intolerância, porque pretenderia, fundamentado na sua própria natureza, impor-se a todos com a pretensão da verdade única”.<sup>142</sup>

(2) Em segundo lugar, Ratzinger assume que nem sempre o cristianismo (ou o monoteísmo) foram exemplos na história humana. Na entrevista ao jornalista alemão Peter Seewald (1954 - ), que foi publicada em 2010 no livro *Luce del Mondo*, Bento XVI reconheceu que há suspeita sobre qualquer conceito de verdade, porque ela pode ser a causa de atrocidades e intolerâncias: “É evidente que o conceito de verdade hoje desperta muitas suspeitas. É justo dizer que o conceito de verdade foi muito abusado. Em nome da

---

<sup>138</sup> RATZINGER, Joseph, Conferência sob o tema “Fé e saber” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969), p. 24.

<sup>139</sup> RATZINGER, Joseph, Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões (11/1999), p. 11.

<sup>140</sup> RATZINGER, Joseph, Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões (11/1999), p. 12.

<sup>141</sup> BENTO XVI, *Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada* (Homilia de Natal, 24/122012), p. 215.

<sup>142</sup> BENTO XVI, *Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada* (Homilia de Natal, 24/122012), p. 215.

verdade, a intolerância foi alcançada e atrocidades foram cometidas”.<sup>143</sup> E completa: “É por isso que as pessoas ficam com medo quando ouvem alguém dizer ‘Esta é a verdade’, ou mesmo ‘Eu tenho a verdade’”.<sup>144</sup> Na homilia de Natal de 2012, Bento XVI, com sua honestidade costumeira, também reconheceu que não deixa de ser verdade que o monoteísmo serviu, em certos momentos, de pretexto para a intolerância e a violência: “É verdade que uma religião pode adoecer e chegar a contrapor-se à sua natureza mais profunda, quando o homem pensa que deve ele mesmo deitar mão à causa de Deus, fazendo assim de Deus uma sua propriedade privada”.<sup>145</sup> Em outros textos, Ratzinger também criticou aqueles que desejam fazer do cristianismo algo privado que só pensa em seus interesses: em 1986,<sup>146</sup> declarou: “Um cristianismo que se retira ao nível de associação privada e perde a sua dilacerante força cultural e política contrasta com a grandeza da própria mensagem”.<sup>147</sup> E, em 2000, reafirmou: “[...] nós, os crentes, acreditamos que temos algo a dizer ao mundo, aos outros, que a questão de Deus não é uma questão privada, entre nós, de um clube que tem seus interesses e faz seu jogo”.<sup>148</sup> Vale citar aqui que em uma leitura interessante que fiz na época do Seminário, o historiador protestante Mark Noll (1946 - ) também reconheceu que, constantemente, em toda a história do cristianismo, “[...] têm surgido problemas quando os fiéis equiparam os atos humanos da igreja com os atos de Deus, quando os filhos cristãos supõem que usar o nome de Deus para justificar as suas ações no tempo e no espaço é o mesmo que a própria ação de Deus”.<sup>149</sup> Esta é uma questão que perenemente devemos resinar: evadir de nós o falar em nome de Deus quando ele não fala.

(3) Em terceiro lugar, Ratzinger reconhece que a mensagem cristã possui soluções para a crise da verdade no mundo atual. Em um texto de 1986,<sup>150</sup> intitulado *O Pluralismo Como Questionamento à Igreja e à Teologia*, Ratzinger escreveu: “Desde o início foi constitutivo para a fé cristã que ela pretende orientar o Homem em seu compromisso mais

---

<sup>143</sup> “È Evidente che il concetto di verità oggi suscita molto sospetto. È giusto dire che di esso si è molto abusato. . In nome della verità si è giunti all'intolleranza e si sono commesse atrocità” (BENTO XVI, Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi, p. 79, tradução minha).

<sup>144</sup> “Per questo le persone hanno paura quando sentono qualcuno dire ‘Questa è la verità’, o addirittura ‘Possiedo la verità’” (BENTO XVI, Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi, p. 79-80, tradução minha).

<sup>145</sup> BENTO XVI, Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada (Homilia de Natal, 24/122012), p. 215.

<sup>146</sup> RATZINGER, Joseph, Com o prefeito da fé em altos voos (julho-agosto de 1986), p. 15.

<sup>147</sup> RATZINGER, Joseph, Com o prefeito da fé em altos voos (julho-agosto de 1986), p. 17-18.

<sup>148</sup> RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo, Deus existe?: debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo flores d'Arcais, p. 27.

<sup>149</sup> NOLL, Mark, Momentos decisivos na História do Cristianismo, p. 16.

<sup>150</sup> RATZINGER, Joseph, Naturaleza y misión de la teología, p. 12-13.

profundo com a verdade. Nisto o compromisso proveniente da fé distingue-se do que se origina de todas as outras associações”.<sup>151</sup> No cristianismo, aprendemos questões importantes sobre a verdade. Primeiramente, Deus é a verdade absoluta. Na encíclica *Caritas in Veritate*, de 2009, Bento XVI afirmou que Deus é o “[...] Amor eterno e Verdade absoluta”.<sup>152</sup> Sendo assim, a verdadeira liberdade apenas existe no encontro com Deus: “Cada um encontra o bem próprio, aderindo ao projeto que Deus tem para ele a fim de o realizar plenamente: com efeito, é em tal projeto que encontra a verdade sobre si mesmo e, aderindo a ela, torna-se livre (cf. Jo 8.32)”.<sup>153</sup> Em outro texto, Ratzinger havia dito: “O homem se torna verdadeiro, torna-se ele mesmo, quando se conforma a Deus. Ele chega então à sua essência autêntica. Deus é a realidade que dá o ser e o sentido”.<sup>154</sup> Em segundo lugar, é ensinado na religião cristã que “nós nunca possuímos a verdade, na melhor das hipóteses ela que nos possui. Ninguém questiona a necessidade de cautela e atenção antes de reivindicar a verdade para si mesmos”.<sup>155</sup> Quem é a Verdade cristã que nos possui? É Jesus Cristo. Por isso, para aqueles que afirmam que não podemos atingir a verdade no nível da religião, Ratzinger responde que, para o cristianismo, “simplesmente colocar a verdade de lado porque é considerada inatingível tem efeitos verdadeiramente devastadores”.<sup>156</sup> Bento XVI defende, categoricamente, que “se é incontestável algum mau uso da religião na história, não é verdade que o ‘não’ a Deus restabeleceria a paz. Se a luz de Deus se apaga, apaga-se também a dignidade divina do homem. Então, este deixa de ser a imagem de Deus[...]”.<sup>157</sup> Sendo a Verdade Jesus Cristo, Ratzinger enfatiza que a verdade não reina pela violência, mas por seu próprio poder. Esse, aliás, “[...] é o conteúdo central do Evangelho de João: diante de Pilatos, Jesus se define como *A Verdade* e o testemunho da verdade. E ele defende a verdade não com as legiões, mas a torna visível por meio de sua paixão e com ela a torna operativa”.<sup>158</sup> O que

---

<sup>151</sup> RATZINGER, Joseph, *O pluralismo como questionamento à Igreja e à Teologia* (1986), p. 69.

<sup>152</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 1.

<sup>153</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 1.

<sup>154</sup> RATZINGER, Joseph, *Política e verdade: Jesus perante Pilatos*, p. 44.

<sup>155</sup> “Noi non possediamo mai la verità, nel migliore dei casi è lei a possedere noi. Nessuno mette in discussione il fatto che sia necessario usare cautela e attenzione prima di rivendicare per sé la verità” (BENTO XVI, *Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi*, p. 80, tradução minha).

<sup>156</sup> “metterla semplicemente da parte perché ritenuta irraggiungibile ha effetti veramente devastanti” (BENTO XVI, *Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi*, p. 80, tradução minha).

<sup>157</sup> BENTO XVI, *Vamos até lá, a Belém, e vejamos esta palavra que nos foi mandada* (Homilia de Natal, 24/122012), p. 215-216.

<sup>158</sup> “[...] è il contenuto centrale del Vangelo di Giovanni: davanti a Pilato, Gesù si definisce *La Verità* e testimone della verità. Ed egli difende la verità non con le legioni, ma la rende visibile attraverso la sua passione e con essa la rende operante” (BENTO XVI, *Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi*, p. 81, grifo do autor, tradução minha).

Jesus quis dizer quando afirmou que veio para dar testemunho da verdade (João 18.37)? Para Ratzinger, “dar testemunho da verdade” significa “[...] fazer valer Deus e sua vontade diante dos interesses do mundo e de seus poderes. Deus é a medida do ser. Nesse sentido, a verdade é o verdadeiro ‘Rei’ que dá sua luz e grandeza a todas as coisas”.<sup>159</sup> Em terceiro lugar, o cristianismo defende que a verdade deve sempre ser vivida no amor, e o amor na verdade. Em um contexto conforme o nosso, em que as pessoas pregam muito sobre o amor de Deus, recordar que Deus é também Verdade, faz toda a diferença. Bento XVI, na *Caritas in Veritate*, explicou que há a necessidade de conjugar o amor com a verdade, não apenas “[...] na direção assinalada por S. Paulo da ‘*veritas in caritate*’ (Ef 4.15), mas também na direção inversa e complementar da ‘*caritas in veritate*’”.<sup>160</sup> Desse modo, “a verdade há de ser procurada, encontrada e expressa na ‘economia’ da caridade, mas esta, por sua vez, há de ser compreendida, avaliada e praticada sob a luz da verdade”.<sup>161</sup> De fato, sem verdade, o amor cai no sentimentalismo, tornando-se “[...] um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos, uma palavra abusada e adulterada chegando a significar o oposto do que é realmente”.<sup>162</sup> No atual contexto social e cultural que vivemos, caracterizado pela atitude quase generalizada de relativizar a verdade, viver o amor na verdade “[...] leva a compreender que a adesão aos valores do cristianismo é um elemento útil e mesmo indispensável para a construção duma boa sociedade e dum verdadeiro desenvolvimento humano integral”.<sup>163</sup> Uma das maiores ênfases de Bento XVI, uma solução extraordinária para nosso tempo, é que “um cristianismo de caridade sem verdade pode ser facilmente confundido com uma reserva de bons sentimentos, úteis para a convivência social, mas marginais. Deste modo, deixaria de haver verdadeira e propriamente lugar para Deus no mundo”.<sup>164</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Joseph Ratzinger, grande teólogo, explica sobre ser pastor. Ele deixa claro que há preocupação na Igreja Católica com esse importante tema. E quanto a nós reformados?

---

<sup>159</sup> RATZINGER, Joseph, *Política e verdade: Jesus perante Pilatos*, p. 44.

<sup>160</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 2.

<sup>161</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 2.

<sup>162</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 3.

<sup>163</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 3.

<sup>164</sup> BENTO XVI, *Caritas in veritate*, n. 3.

Temos nos preocupado com a vocação pastoral? A existência desta Revista Teológica com o seu tema atual demonstra que sim. Os pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil devem possuir cultura bíblica e geral, para que tenham a humildade de sempre aprender e ensinar a verdade de Deus embasada na Escritura Sagrada. A leitura de autores que não pertencem à nossa confessionalidade deve ser feita sob o prisma de que toda verdade procede de Deus. Espero que essa “teologia caseira” de um professor deste Seminário tenha conseguido ensinar um pouco sobre o tema “A Teologia da Vocação em Joseph Ratzinger”. Acima de tudo, que tenha fortalecido a confessionalidade e a vocação de cada estudante presbiteriano que me leu, bem como de todos os demais leitores. Aos católicos que me lerão quando o artigo for anunciado, também desejo, com satisfação, que tenham boa leitura. É sempre bom aprender com os “de fora de nosso arraial” e também ensinar a eles um pouco de como vemos a teologia. A Igreja Presbiteriana do Brasil não é ecumênica, mas é fraterna na mansidão e no respeito que são devidos a todas as pessoas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística, n. 17).
- AGOSTINHO. Confissões. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Clássicos de Bolso).
- AGOSTINHO. O livre-arbítrio. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Coleção Patrística, n. 8).
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. Patrologia. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BENTO XVI. A comunhão no tempo: a Tradição [Audiência Geral de 26/04/2006]. In: *Idem*, Oração e santidade (catequeses ao povo de Deus). São Paulo: Molokai, 2018. p. 190-194. (Vol. I).
- BENTO XVI. Caritas in Veritate. 2. ed. São Paulo: Paulus / Loyola, 2009. [Promulgada em 29 de junho de 2009]. (Coleção Documentos do Magistério).
- BENTO XVI. Homilia como Bispo de Roma na Basílica de São João de Latrão (7/52005). In: \_\_\_\_\_. Um caminho de fé antigo e sempre novo: antologia completa de homilias, discursos, catequeses e mensagens para o Ano Litúrgico. São Paulo: Molokai, 2017. p. 51-57. [Tomo I: Ano ‘A’]. (Coleção Ratzinger, n. 3).
- BENTO XVI. Luce del mondo, il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2010. (Una conversazione con Peter Seewald).
- BENTO XVI. O mistério do Natal (Audiência Geral, 27 dez 2006). In: *Idem*, E o verbo

- se fez carne: reflexões sobre o mistério do Natal. 2. ed. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 17-19.
- BENTO XVI. Spe Salvi. São Paulo: Paulus / Loyola, 2007. [Promulgada em 30 de novembro de 2007]. (Coleção Documentos do Magistério).
- BERTUCI, Heber R. A opção da Igreja Antiga pela filosofia: o Deus da Fé e o Deus dos Filósofos e Joseph Ratzinger. Revista Eletrônica Espaço Teológico: Reveleto. São Paulo, vol. 10, n. 18, p. 196-208, jul/dez, 2016.
- BERTUCI, Heber R. Joseph Ratzinger: um eminente teólogo da atualidade. Teocomunicação – Revista da Teologia da PUC-RS. Porto Alegre, vol. 52, n. 1, p. 1 - 12, jan.-dez. 2022.
- BLANCO SARTO, Pablo. Joseph Ratzinger – uma biografia. Tradução: Emérito da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.
- BLANCO SARTO, Pablo. La teología de Joseph Ratzinger: una introducción. 2. ed. Madrid: Pelicano; Palabra, 2011.
- BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Ferramentas).
- CALVINO, João. A instituição da religião cristã. São Paulo: UNESP, 2009. [Tomo I].
- CALVINO, João. As Pastorais: I Timóteo, II Timóteo, Tito e Filemom. São Paulo: Paracletos, 1998.
- CHAPELL, Bryan. Pregação cristocêntrica. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- CLEMENT OF ALEXANDRIA. The Stromata, or Miscellanies. In: ROBERTS, A.; DONALDSON, J. The Ante-Nicene Fathers. Albany, OR USA: AGES Software, 1997. p. 584- 1153. (Vol. II).
- CORKERY, James. Joseph Ratzinger's theological ideas: wise cautions e legitimate hopes. Mahwah: Paulist Press, 2009.
- COSTA, Hermisten M. P. da. A inspiração e inerrância das Escrituras. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- COSTA, Hermisten M. P. da. Eu creio: no Pai, no Filho e no Espírito Santo. São Paulo: Parakletos, 2002.
- COSTA, Hermisten M. P. da. Raízes da teologia contemporânea. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. Reforma: o cristianismo e o mundo 1500 2000. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- FÜRST, D. Confessar (ὁμολογέω). *In*: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 385-388. (vol. I: A - M).
- GEORGE, Timothy. Teologia dos reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- HORTON, Michael S. Os Sola's da Reforma. *In*: BOICE, James M. *et al.* Reforma hoje: uma convocação feita pelos evangélicos-confessionais. São Paulo: Cultura Cristã. 1999. p. 97-127.
- IRINEU DE LIÃO. Demonstração da pregação apostólica. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística, n. 33).
- LOPES, Augustus N. Confessionalidade e liberdade acadêmica. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005. [Carta de princípios para a Universidade Presbiteriana Mackenzie].
- MARTIN, Ralph P. Adoração na Igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- MARTIN, Ralph P. Credo. *In*: DOUGLAS, John D. O novo dicionário da Bíblia. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 277.
- MÜLLER, Gerhard L. Ampliare l'orizzonte della ragione: per una lettura di Joseph Ratzinger-Benedetto XVI. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.
- NOLL, Mark A. Momentos decisivos na História do Cristianismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- NOVAES FILHO, Moacyr A. A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Santo Agostinho. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2009.
- PACKER, James I. O conforto do conservadorismo. *In*: HORTON, Michael S. Religião de poder. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. p. 231-243.
- PINK, Arthur W. The divine inspiration of the Bible. AGES Software Albany, OR USA: 1997. [The ages digital library, Theology].
- RAMOS CENTENO, Vicente. Pensando con Ratzinger: reflexiones filosóficas a partir del 'Jesús de Nazaret'. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.
- RATZINGER, Joseph. A "Instrução sobre a vocação do Teólogo na Igreja" (1990). *In*: *Idem*, Natureza e missão da teologia. Tradução: Carlos A. Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 87-104.
- RATZINGER, Joseph. Conferência sob o tema "Fé e saber" à Emissora Radiofônica da Baviera (1969). *In*: *Idem*, Fé e futuro. João do Estoril: Principia, 2008. p. 11-31.

- RATZINGER, Joseph. Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões (Janeiro de 2000). In: *Idem*, Ser cristão na era neopagã. Campinas: Ecclesiae, 2015. p. 11-28. (v. II: Discursos e Homilias (2000 - 2004) e Debates (1993 – 2000)).
- RATZINGER, Joseph. Fé e futuro. João do Estoril: Principia, 2008.
- RATZINGER, Joseph. Fé, filosofia e teologia (Conferência de 1984). In: *Idem*, Natureza e missão da teologia. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-26.
- RATZINGER, Joseph. Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- RATZINGER, Joseph. Lembranças da minha vida: autobiografia parcial (1927-1977). Tradução: Frederico Stein. São Paulo: Paulinas, 2006.
- RATZINGER, Joseph. Naturaleza y misión de la teología: ensayos sobre su situación en la discusión contemporánea. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2009.
- RATZINGER, Joseph. Política e verdade: Jesus perante Pilatos. In: BENTO XVI. Liberar a liberdade: fé e política no terceiro milênio. São Paulo: Paulus, 2019. p. 37-50. (Coleção: Fides Quaerens).
- RATZINGER, Joseph. Prefácio (Festa da Epifania, 1991). In: *Idem*. Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 7-8.
- RATZINGER, Joseph. Sal da terra, o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio: um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- RATZINGER, Joseph. Seminário: não um hotel, mas uma casa (fevereiro de 1990). In: *Idem*, Ser cristão na era neopagã. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 37-44. (vol. I: Discursos e Homilias (1986 - 1999)).
- RATZINGER, Joseph. Sobre a natureza do sacerdócio (Conferência ao Sínodo dos Bispos, 10/1990). In: *Idem*. Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 67-82.
- RATZINGER, Joseph. What Constitutes Christian Faith Today? (1975). In: Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology. San Francisco: Ignatius, 1987. p. 15-27.
- RATZINGER, Joseph. What is Theology? In: Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology. San Francisco: Ignatius, 1987. p. 315-322.
- RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo F. Deus existe?: debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo flores d'Arcais. In: *Idem; Idem*. Deus existe? Tradução: Sandra M. Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2009. p. 25-85.

- RATZINGER, Joseph; MESSORI, Victor. A fé em crise: o Cardeal Ratzinger se interroga. Tradução: Fernando J. Guimarães. São Paulo: EPU, 1985.
- REGA, Lourenço S.; BERGMANN, Johannes. Noções do grego bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- ROWLAND, Tracey. A fé de Ratzinger: a teologia do Papa Bento XVI. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” / Campinas: Ecclesiae, 2013.
- TORNIELLI, Andrea. Bento XVI – o guardião da fé. Rio de Janeiro / São Paulo, 2006.
- TRUEMAN, Carl R. O imperativo confessional. Brasília: Monergismo, 2012.
- VAN TIL, Cornelius. Apologética cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- VIGINI, Giuliano. Guia para a leitura da obra de Joseph Ratzinger. Parede: Lucerna, 2012.
- Καθέδρα. *In*: GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. Léxico do N.T. grego/português. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 105.
- ὁμολογέω. *In*: GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. Léxico do N.T. grego/português. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 146.
- ὁμολογία. *In*: GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. Léxico do N.T. grego/português. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 146.